

LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO E INTERFACES *USAGE-BASED LINGUISTICS AND ITS INTERFACES*

Roberto de Freitas Junior¹

Maria Maura Cezario²

Organizadores

O dossiê *Linguística Centrada no Uso* e suas interfaces, da Revista *Linguística* da UFRJ, foi inspirado pelas discussões desenvolvidas durante o XXIV Seminário Nacional e o XI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, que aconteceram em novembro de 2019 na UFRJ. Nesses eventos, foram apresentados e discutidos inúmeros aspectos relacionados às pesquisas linguísticas, de orientação cognitivo-funcional, desenvolvidas no mundo e no Brasil e que se constituem como o alicerce da, aqui chamada, *Linguística (Funcional) Centrada no Uso (LFCU)*.

A LFCU, uma vertente brasileira do termo mais abrangente *Linguística Centrada no Uso*, destaca o termo *Funcional* em sua auto descrição, o que evidencia a própria percepção do Grupo de Estudos Discurso e Gramática acerca do papel instrumental, pragmático e concreto relacionado ao saber e ao fazer linguístico. A ênfase na perspectiva funcional tem também evidência histórica: a formação desse importante grupo de pesquisa tem suas raízes nas discussões do Funcionalismo Americano, representado por nomes como os de Sandra Thompson, Paul Hopper, Talmy Givón, Elizabeth Traugott e tantos outros que inauguram uma nova perspectiva de olhar sobre o fenômeno da linguagem, determinante na América e no resto do mundo, de então e no dos dias atuais.

O rótulo LFCU apresenta também perspectivas e abordagens que – sob o escopo do termo *Linguística Centrada no Uso* e seus inúmeros modelos – contribuem para um novo pensar da natureza da linguagem, que abarca a perspectiva funcionalista, mas que também traz contribuições advindas da *Linguística Cognitiva* e da teoria da Gramática das Construções. Essas abordagens trazem à baila

1 Roberto de Freitas Junior é Professor Adjunto do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFRJ. É também professor do Programa de Pós-graduação em Linguística dessa Universidade e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ- FFP. E-mail: robertofrei@letras.ufrj.br.

2 Maria Maura Cezario é Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ. É professora do Programa de Pós-graduação em Linguística dessa Universidade. Atualmente faz estágio de Pós-doutorado na UFRN, com bolsa Capes. E-mail: mmcezario@gmail.com.

das discussões linguísticas de orientação não formalista uma epistemologia consistente e um tanto atualizada quanto ao que hoje já sabemos a respeito da psicologia, da memória, da aprendizagem, enfim, da cognição humana.

Nessa perspectiva, a gramática é entendida como uma rede conceptual de construções linguísticas, pareamentos simbólicos de forma-sentido, que formam o *constructicon* de uma língua. Tais construções são formadas e modificadas no uso, pela atuação de vários processos cognitivos de domínio geral, tais como a categorização, a analogia e a capacidade de leitura de intenções. Daí, a Linguística (Funcional) Centrada no Uso tem interesse em investigar como construções emergem e como se relacionam dentro do *constructicon*, procurando dar conta da produção, do processamento e da compreensão linguística.

Nesse sentido, temas como a representação cognitiva da linguagem, seja pela perspectiva da aquisição (L1/L2), da variação ou da mudança linguística, tornam-se objetos de investigação observáveis por pontos de vista que, cada qual a seu modo, trazem contribuições significativas para a observação dos fenômenos da linguagem. Tais pontos de vista, com a experiência da discussão funcionalista acerca da interface cognição/linguagem, remodelam toda a abordagem funcional e contribuem com propostas metodológicas complementares ao tratamento tão caro às abordagens baseadas no uso, de análise da expressividade, do sentido e da funcionalidade da língua, a partir da manipulação empírica de dados observáveis.

Assim, o desenvolvimento das novas tecnologias, o amadurecimento das práticas tradicionais de análise e a (re)construção de um pensar teórico fazem da LFCU uma área de investigação linguística que apresenta não apenas uma epistemologia consistente, mas também um conjunto de procedimentos metodológicos que combinam visões tradicionais e contemporâneas. Juntas, essas visões constituem-se em um instrumental qualitativamente fundamental para uma boa descrição da representação da linguagem das diferentes línguas, seja lá em quais contextos de usos.

É nesse percurso que se desenvolve a proposta do presente dossiê, ao trazer um leque de trabalhos que se enquadram nas múltiplas possibilidades de abordagens sob o escopo da L(F)CU. Apresentamos nesse número, portanto, trabalhos alinhados à perspectiva direta da L(F)CU, que focalizam majoritariamente a descrição do Português do Brasil pelo olhar construcionista, embora ainda apresentemos dois textos, de orientação funcional, que complementam a diversidade de pensares proposta nesta edição de nossa revista.

Destacamos, ainda, a importante entrevista gentilmente concedida pelo Professor Florent

Perek da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. O pesquisador participou do XXIV Seminário Nacional e o XI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, ministrando cursos, debatendo temas da área e contribuindo com informações sobre metodologias experimentais e de análise de *corpus*. Tais metodologias vêm se mostrando de extrema vantagem para os estudos sobre a representação cognitiva da linguagem, em perspectiva construcional baseada no uso, em todo o mundo. Na entrevista, concedida aos professores Marcia dos Santos Machado Vieira, Roberto de Freitas Junior e Karen Sampaio Braga Alonso, todos da UFRJ, o convidado aborda vários assuntos, teóricos e práticos, e que oferecem ao leitor uma importante contribuição sobre sua área de atuação.

No artigo *Competição interna na hierarquia construcional: um estudo do princípio da não sinonímia*, Flávia Saboya da Luz Rosa e Mariangela Rios de Oliveira apresentam um estudo sobre a construção de subfunção refreador-argumentativa [$\text{Indut}_R \text{Afix}_{\text{Loc}} \text{RA}$], com base nas instanciações das seguintes construções: *alto lá, calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá e para aí*. As autoras oferecem uma importante discussão sobre a relação variabilidade linguística e o princípio da não sinonímia de Goldberg (1995, 2006)³.

As autoras Nahendi Almeida Mota e Marcia dos Santos Machado Vieira apresentam o texto *A Construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro*, no qual apresentam resultados da pesquisa sobre o subesquema [X cor de SN] da construção intensificadora [X cor de Y]. Na pesquisa, argumentam que emoção, muitas vezes revelada pela coloração facial, possa ser fator que contribui para a elaboração simbólica presente nos (sub)esquemas apresentados, descritos aqui como aloconstruções da rede construcional de intensificadores do português brasileiro.

O texto *A construção de predicado fórico no português do Brasil contemporâneo*, de Vinicius Maciel de Oliveira, aborda a construção de predicado fórico com o verbo *fazer*, demonstrando como tal construção mantém relação fórica com algum predicado já mencionado, a ser mencionado ou parte do contexto situacional. A pesquisa também mostra que o processo de referência pode ocorrer por meio da repetição, o que permite a observação do fenômeno pelo viés da variação linguística.

Em *Uma análise construcional das formações lexicais baseadas em coronavírus no português brasileiro contemporâneo*, Carlos Alexandre Gonçalves analisa a construção *coronavírus*, desde a sua criação na área da infectologia até os dias de hoje. Observa aspectos morfológicos e semânticos

3 GOLDBERG, A.E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A.E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

presentes nos processos de formação de palavras utilizados, com o objetivo de mapear as estratégias usadas pelos falantes para expressão de pontos de vistas com construções utilizadas. Suas principais fontes de dados são as redes sociais *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*, espaços em que os usuários da língua expressam, muitas das vezes, suas opiniões sobre o atual cenário político do país e sobre a pandemia com o uso de novas construções criadas a partir do nome do vírus.

Mayra França Floret e Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva, em *Estudo diacrônico da ordenação das construções causais com porque e por+infinitivo sob a perspectiva de princípios funcionais*, através de uma análise quantitativa de dados coletados de textos dos séculos XVII e XX/XXI, buscam verificar a ordem não marcada dessas construções e verificar se há relação entre ordem da oração com esses conectores e estatuto informacional, ou a relação entre ordem da oração e a relação icônica causa-efeito. As autoras também discutem possibilidades de ter havido mudança na organização sintagmática dessas construções na história do português.

Partindo de um análise centrada no uso, Lia Abrantes Antunes Soares e João Paulo da Silva Nascimento, no artigo *Evidências sobre a representação cognitiva de construções funcionais do pb em crianças e adultos surdos*, discutem a representação cognitiva de construções de predicação nominal do português brasileiro que instanciam o padrão [(S) V_(funcional) X], em que se inserem os verbos *ser*, *estar* e *ficar*. Os autores estudaram instâncias desses padrões em 58 produções escritas em PBL2 de estudantes surdos do ensino superior e de estudantes surdos do primeiro segmento do ensino fundamental. Os dados foram coletadas do *Corpus* do Núcleo de Estudos em Interlínguas e Surdez da UFRJ. Suas discussões apontam para a maior proximidade entre a abordagem teórica e metodologias de ensino de L2.

Como mencionado, o número apresenta dois artigos que, embora não tratem da abordagem construcionista, se relacionam com a chamada da Revista por seguirem uma abordagem funcional: os textos “*Das páginas às telas: uma abordagem multi-dimensional da adaptação da linguagem da literatura young adult para o cinema*” e “*Linguística de corpus e diálogos de materiais didáticos de língua espanhola: uma análise do ato de fala ‘diretivos’ no contexto de encontros de serviço*”.

O primeiro desses textos, cujos autores são Márcia Veirano Pinto e Tiago Marcondes Valende, tem como principal objetivo apresentar uma análise que busca compreender de que forma a linguagem verbal presente em livros *young adult* é adaptada para a linguagem audiovisual do cinema, como ocorreu com produções cinematográficas como *The outsiders* (1983), *The basketball diaries* (1995) e *Harry Potter and the sorcerer’s stone* (2001). O trabalho – feito a partir da análise de trinta obras

literárias e trinta legendas de filmes adaptados dessas obras – traz um estudo de variação entre diferentes tipos de linguagem, com base nas dimensões de variação do inglês (Biber, 1988). Os resultados mostram que as histórias ficam mais interativas, menos narrativas e mais dependentes de contexto nas adaptações cinematográficas.

O segundo texto, de autoria de Flávia Colen Meniconi, tem como objetivo principal comparar os atos de fala diretivos presentes nos diálogos de livros didáticos de língua espanhola adotados na Universidade Federal de Alagoas com os do *corpus* oral espontâneo da Universidade Autónoma de Madrid. O artigo traz uma análise das diferenças linguísticas e discursivas presentes nas formulações dos diretivos desses materiais e nos revela que há distância entre a fala oral espontânea e os diálogos criados em materiais didáticos de língua espanhola. Para o desenvolvimento da competência pragmática de estudantes de espanhol como língua estrangeira, os materiais didáticos deveriam ser embasados em amostras espontâneas do idioma, conclui a autora.

Por fim, Karen Sampaio Alonso e Diego Oliveira brindam a comunidade de estudantes e pesquisadores de Linguística com uma resenha que, ao mesmo tempo que apresenta as principais ideias do livro de 309 páginas *The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use*, escrito por Holger Diessel, também discute seus principais postulados e conceitos. Segundo os autores, esse livro preenche uma lacuna, pois “faltava um trabalho que buscasse congregar as diversas contribuições multidisciplinares para um modelo de redes em um material sistematizado, coerente, didático e, ao mesmo tempo, permeado de reflexões teóricas importantes para a concepção de língua baseada no uso” (os autores, neste volume).

Dentre as várias correntes da Linguística, o número, através de sua chamada, relacionada com temas discutidos nos XXIV Seminário Nacional e o XI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, apresenta um conjunto de conhecimentos de pesquisas centradas nos usos linguísticos, em sua maioria, claramente vinculadas a uma visão construcional de gramática. Esperamos que a comunidade de estudiosos da área aproveitem ao máximo o volume organizado numa quarentena que já dura cerca de seis meses e que nos faz refletir muito sobre a grande importância dos estudos científicos de todas as áreas e no valor do estudo da linguagem humana, que serve, dentre outros razões, como instrumento para proteção da espécie humana.